

ANÁLISE DA ATUAÇÃO DA GRANDE IMPRENSA BRASILEIRA NO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF

*ANALYSIS OF THE PERFORMANCE
OF THE GREAT BRAZILIAN PRESS IN
THE IMPEACHMENT OF DILMA
ROUSSEFF*

Tiago Roberto Pinheiro

pinheiro.t.300@gmail.com

Graduado em Ciência Política pelo Centro Uni-
versitário Internacional (UNINTER)

José Carlos Vieira

josecarvieira@hotmail.com

Mestre em Ciência Política pela Universidade
Estadual de Campinas e professor na Facul-
dade Plínio Augusto do Amaral (Amparo) e no
Instituto de Ensino Superior de Itapira (IESI)

46

DOI: 10.21882/ruc.v6i11.746

Recebido em: 14/05/2018

Aceito em: 02/11/2018

RESUMO

O trabalho verificou a atuação de grandes notici-
ários brasileiros, aqui representados pelos jor-
nais impressos Folha de S. Paulo, Estado de S.
Paulo e O Globo, e pelo telejornal Jornal Nacional,
na cobertura do processo de *impeachment* de
Dilma Rousseff, ocorrido em 2016. Realizou-se
uma pesquisa qualitativa por meio de releituras
de editoriais e publicações do jornal Folha de S.
Paulo, no período, aplicando-se as técnicas de
análise de conteúdo e análise de discurso à pers-
pectiva dos postulados teóricos da *Agenda-set-
ting*. Também foram quantificadas, durante o
processo, a partir de dados do *site* Manchetôme-
tro, as publicações da Folha de S. Paulo, Estado
de S. Paulo, O Globo e Jornal Nacional em relação
aos principais personagens políticos diretamente
envolvidos na crise política. Nestes dados quanti-
tativos, foram aplicados o Teste do qui-quadrado
de Pearson e calculados os Resíduos padronizados.
Os resultados das análises, qualitativa e quanti-
tativa, identificaram os posicionamentos desses
noticiários em relação ao processo e personagens.

Palavras-chave: Jornalismo. *Agenda-setting*.
Impeachment. Dilma Rousseff. Mídias de Massa.

ABSTRACT

The work verified the performance of the great
Brazilian news, represented here by the newspa-
pers Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo and O
Globo, and by the Jornal Nacional newscast, in the
coverage of Dilma Rousseff's impeachment oc-
curred in 2016. A qualitative research was car-
ried out, through the re-reading of editorials and
publications of the newspaper Folha de S. Paulo
during the period, applying the techniques of con-
tent analysis and discourse analysis to the per-
spective of the theoretical postulates of *Agenda-
setting*. The publications of Folha de S. Paulo, Es-
tado de S. Paulo, O Globo and Jornal Nacional
about to the main political figures directly in-
volved in the political crisis were also quantified,
based on data from the *site* Manchetômetro. In
these quantitative data, Pearson's chi-square
tests were applied and the standardized residues
were calculated. The results of the qualitative and
quantitative analyzes identified the positions of
these news in relation to the process and charac-
ters.

Keywords: Journalism. *Agenda-setting*. *Impeach-
ment*. Dilma Rousseff. Mass media.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo verificar o posicionamento político e a atuação de grandes noticiários brasileiros aqui representados pelos jornais impressos Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo e O Globo, e pelo telejornal Jornal Nacional, na cobertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Ressalta-se que o instituto do *impeachment*, no Brasil, consubstancia-se em um ritual composto majoritariamente por decisões políticas, ainda que pese a condição *sine qua non* de acusação da prática de crime de responsabilidade contra o presidente da República para a sua admissibilidade. Não obstante, o viés da pesquisa foi o de explorar a dinâmica política do importante evento.

Anteriormente, faz-se necessário registrar que o poder de informação dos noticiários aqui analisados não se limita às relações comunicativas diretas destes com seus receptores (leitores e telespectadores), indo além, esses noticiários nutrem rádios, portais de notícias, jornais regionais, redes sociais entre outros veículos de comunicação em todo o país. Daí a plausibilidade de classificá-los como mídias de massa e representantes da grande imprensa brasileira ou mesmo da grande mídia brasileira. Portanto, os termos mídia, imprensa, noticiário ou jornal serão empregados no artigo praticamente como sinônimos.

Compreendeu-se esses grandes noticiários não apenas como instituições difusoras de informação. Mais que isso: observou-se com maior aferição crítica os seus desempenhos enquanto atores políticos em exercício de um grande poder.

Cervi (2012, p. 44) colabora com a visão afirmando que os meios de comunicação, a partir das duas últimas décadas, assumiram um papel central no debate político. Ferreira Filho *apud* Acquaviva (2010, p.151) problematiza a questão e fala sobre a influência da comunicação de massa. O autor adverte que “os órgãos da grande mídia têm a possibilidade de manipular o seu auditório e infundir-lhe suas próprias convicções”. Manin (2013) em seu artigo “A democracia do público reconsiderada” discorre sobre a atividade política na atualidade. Diz o autor que a alta volatilidade de opiniões e as erosões das fidelidades partidárias e ideológicas prevalecem nos dias atuais. Governos e partidos já não exercem da mesma forma o seu poder no eleitor. O novo ambiente oportuniza condições para outras formas de intervenções e exercícios de poder diferentes das que ocorriam anteriormente. A imprensa enquanto ator político atua com maior protagonismo no cenário atual.

Inicialmente, assevera-se a democracia como valor maior na atividade política de nossos tempos, para todos os povos. Falar de política na atualidade é reconhecer a democracia. É nela que se vislumbra a possibilidade de participação de todas as vozes, de todas as clivagens sociais nos processos decisórios de organização de sociedades e desenvolvimento de nações. Segundo Medeiros (2016, p158), a democracia é um tipo de organização em que as decisões são produzidas com o máximo de discussão, uma dinâmica de convencimento mútuo e não de coerção e manipulação propagandística. Neste interim, observa-se a imprensa como instituição fundamental para a democracia e com a responsabilidade social de bem informar.

Para Bachrach (1980, p. 94) *apud* Perrissinotto (2012, p. 159-160) a democracia é um método político que deve produzir um sistema de responsabilidade pública de todas as elites políticas e não apenas dos governos. Segundo o autor, em uma sociedade democrática os grupos privados poderosos devem estar submetidos ao controle social. Ainda sobre o tema, Acquaviva (2010, p. 150) afirma que “deve haver a institucionalização da responsabilidade social das empresas de comunicação”.

Aprofundando no tema, Bachrach e Baratz (2011) problematizam a questão ao alertar que os grupos mais poderosos sempre levam vantagens no embate político, pois têm a prerrogativa de selecionar temas e conflitos (em detrimento de outros) na produção de uma agenda, invariavelmente, favorável aos interesses das hierarquias estabelecidas e para a manutenção do *status quo* vigente. O exercício de poder também se dá num processo de não decisão por meio da mobilização de viés.

Doravante, espera-se, então, dos grandes noticiários nacionais certa habilidade para não ferir valores como a imparcialidade no exercício de suas prerrogativas de edição, enquadramentos e difusão de informações. Os noticiários devem atuar com responsabilidade social e olhar também para a sociedade onde atua e não apenas em função de interesses circunscritos, principalmente aqui no Brasil que “apresenta um nível de concentração de mídia que contrasta totalmente com o potencial de seu território e a extrema diversidade de sua sociedade civil”. (ONG DENUNCIA MONOPÓLIO DA MÍDIA NO BRASIL, O 'PAÍS DOS 30 BERLUSCONI', 2013)

A concentração do poder de comunicação nas mãos de poucas e grandes empresas também é observado por Molina (2007) na afirmação de que “no Brasil quem vende informação são os grandes jornais. Os principais, fora do eixo São Paulo-Rio, têm como fontes as agências Estado, Folha ou O Globo. Conclui-se assim que a influência desses jornais sobre a opinião pública é muito maior do que sua circulação”.

Após definidos os conceitos, as premissas e as técnicas, o trabalho verificou a atuação dos grandes noticiários brasileiros, em principal, a Folha de S. Paulo, na cobertura do processo político que retirou Dilma Rousseff da Presidência. A escolha da Folha de S. Paulo para a análise qualitativa se deu por sua grande tradição em cobertura política, sendo um dos maiores jornais brasileiros, bem como se localizar no grande centro econômico do país. Na análise quantitativa foram observados outros importantes noticiários brasileiros além da própria Folha de S. Paulo.

A análise se faz fundamental para uma melhor compreensão do importante fato político em contribuição ao seu registro nos anais da história e para conquistar conhecimentos para outros estudos. A pesquisa e a análise evidenciam informações acerca da atuação da grande mídia brasileira no *impeachment*.

A pesquisa, cobertura e opiniões

A pesquisa delimitou o *impeachment* em quatro etapas demarcadas a partir das datas mais importantes do rito, conforme quadro abaixo:

Quadro 1: Etapas do processo do *impeachment*

Processo do <i>impeachment</i>	Rito do processo	Período pesquisado
1ª ETAPA	Pedido do <i>impeachment</i> aceito pelo presidente da Câmara	02/12/2015 a 10/04/2016
2ª ETAPA	Análise do pedido e votação na Câmara Federal	11/04/2016 a 05/05/2016
3ª ETAPA	Denúncia encaminhada ao Senado e afastamento de Dilma	06/05/2016 a 12/05/2016
4ª ETAPA	No Senado, parecer do relatório e julgamento em plenário	13/05/2016 a 01/09/2016

Em cada etapa, foram analisados os editoriais e principais publicações referentes ao tema aplicando-se a análise de conteúdo. Sobre a análise de conteúdo, Premida *et al* (2013, p. 116) afirmam que por meio dessa técnica filtra-se apenas o que interessa ao pesquisador (de acordo com o objetivo da pesquisa). O levantamento das publicações considerou suas datas em relação aos marcos do rito e a relevância de conteúdo. Em seguida, nas releituras das publicações, foram verificados os enquadramentos por meio da análise de discurso. Com a análise de discurso, Premida *et al* (2013, p.121) afirmam que o pesquisador tenta identificar nos textos as orientações e intenções do autor do discurso.

Sobre o enquadramento, diz Entman (1993) *apud* Rubim (2004, p. 17-18):

Enquadrar é selecionar certos aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes no texto da comunicação de tal forma a promover a definição particular de um problema, de uma interpretação

causal, de uma avaliação moral, e/ou a recomendação de tratamento para o tema descrito. Enquadramentos, tipicamente, diagnosticam, avaliam e prescrevem. [...] Decide-se que certas instituições, fatos e/ou pessoas, serão (ou não) pautados ou se terão qualquer referência a seu respeito, tratadas de forma positiva ou negativa, enfatizadas ou esvaziadas.

Foi verificado, também, durante o período, quantitativamente, por meio do *site* Manchetômetro¹, o posicionamento dos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo, e do telejornal Jornal Nacional da Rede Globo, em relação aos partidos políticos e principais personagens envolvidos na crise política. A saber: PT, Dilma Rousseff e Lula, como forças contrárias a admissibilidade do processo; e, PSDB, PMDB, Michel Temer e Aécio Neves, como forças favoráveis à cassação do mandato da presidenta. A metodologia utilizada pelo Manchetômetro é a análise de valências, dividida em quatro tipos: positivas, negativas, neutras e ambivalentes². Em valoração à metodologia do Manchetômetro, Feres Júnior (2016) diz que:

¹ Manchetômetro é um *site* de acompanhamento da cobertura da grande mídia sobre temas de economia e política produzido pelo Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP). O LEMEP tem registro no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e é sediado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O *site* não tem filiação com partidos ou grupos econômicos.

² Na análise de valências do *site* Machetômetro, as notícias favoráveis são as que contêm referências predominantemente positivas ao personagem ou tema; as contrárias são aquelas que contêm referências predominantemente negativas; quando o texto é mormente descritivo e destituído de conteúdo claramente positivo ou negativo, ele recebe a classificação de neutro; em caso de equilíbrio entre

a análise de valências não é só capaz de produzir análise extenso *corpora* de textos peneiros de significado, como tem sido capaz de produzir resultados consoantes com o resto da literatura de mídia e política em nosso país, o que confirma o seu valor operacional. [...] a partir do momento que contamos valências é possível, sim, estabelecer menor ou maior viés de um determinado meio de comunicação em relação a tal ou qual objeto — esse é um dos principais objetivos do emprego da análise de valências.

Também foram confrontadas opiniões sobre o processo. Por fim, foi aplicado o Teste do qui-quadrado (χ^2) e analisado os Resíduos padronizados a partir dos dados do Manchetômetro, o que será melhor explicado nas seções 3 e 3.1.

O *impeachment* foi iniciado na Câmara Federal, no dia 2/12/2015, com a aceitação do pedido pelo presidente da Casa, o deputado federal Eduardo Cunha (PMDB-RJ), e terminou com sua votação no plenário do Senado, no dia 31/8/2016, quando a presidenta foi julgada e impedida definitivamente de exercício do cargo.

Iniciou-se a pesquisa após o dia 2/12/2015, data de aceitação do pedido de *impeachment* na Câmara Federal pelo então presidente Eduardo Cunha (PMDB-RJ).

referências negativas e positivas, a notícia é classificada como ambivalente. As notícias são classificadas por um membro da equipe do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP) e posteriormente revisadas por um segundo membro. Em caso de discordância sobre a valência atribuída, um terceiro membro é consultado para o desempate. Nos jornais impressos são analisadas as capas, os editoriais, artigos de opinião e colunas. Como as

Na edição do dia 3/12/2015, a Folha de S. Paulo abre sua capa com o título: “Cunha retalia PT e acata pedido de impeachment contra Dilma”. O texto dá a entender que o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, fez uso de seu cargo para atingir a presidenta, já que os membros do partido de Dilma, o PT, no Conselho de Ética da Câmara Federal, autorizaram a cassação do mandato de Cunha por este ter mentido sobre titularidade de conta bancária na Suíça em investigação da Lava Jato.

No editorial de título: “O vício contra o vício”, o jornal enfatiza o poder de chantagem de Cunha e elenca uma face possivelmente boa da abertura do processo de *impeachment*, que poderia tirar o país de sua paralisia. Sintetizamos o editorial com o parágrafo: “Que se decida de uma vez, renovando a legitimidade da presidente Dilma Rousseff, ou negando-a em favor de uma solução pacífica, institucional e democrática — por traumática que possa ser.” (O VÍCIO CONTRA O VÍCIO, 2015)

Na edição do 6/12/2015, o primeiro domingo após Cunha ter aceitado o pedido de *impeachment*, a Folha de S. Paulo publicou em sua capa a seguinte manchete: “STF deve decidir o cronograma do impeachment”. Nesta edição, o jornal deu ênfase ao rito do processo em detrimento a outros enquadramentos.

manchetes e títulos de capa são taquigráficos, são interpretados os textos que vêm abaixo destes para determinar a valência. Já no caso dos artigos de opinião, editoriais e textos mais longos na capa, a valência é atribuída a partir de um julgamento acerca de todo o conteúdo da matéria. Na análise do Jornal Nacional leva-se em conta todo o conteúdo veiculado diariamente pelo telejornal.

Na edição do dia 12/12/2015, a Folha de São Paulo, em seu primeiro caderno, Poder, focou novamente suas publicações sobre o rito do processo de *impeachment*. Na capa da edição, a manchete dizia: “Rito do Impeachment opõe Renan a Cunha”, o texto discorria sobre qual das casas legislativas detinha o poder de afastamento da presidenta. Na página A5, concluiu-se o tema *impeachment* com uma pequena matéria de título: “Planalto fala em retaliar deputados do PMDB”. A publicação enfatizava uma possível punição do Planalto aos deputados do PMDB caso estes não apoiassem Leonardo Picciani (RJ) ao retorno da liderança da sigla na Casa. O deputado fluminense era aliado de Dilma naquela oportunidade.

A partir das publicações da edição acima, entende-se que a Folha de S. Paulo, mesmo em fase inicial do processo de *impeachment*, trabalha com a hipótese de afastamento da presidenta, tende a apoiar o processo e conota uma postura agressiva e pragmática de Dilma Rousseff em defesa de seu mandato.

A seguir, tabela contendo a soma das publicações do primeiro período, do site Manchetômetro, referente aos personagens envolvidos no *impeachment*.

Tabela 1 – Soma dos números das publicações do Estadão, Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal Nacional referente aos meses de dezembro de 2015, janeiro, fevereiro e março de 2016

Contrários	PUBLICAÇÕES				TOTAL	
	Contrárias	Favoráveis	Neutras	Ambivalentes	Contrárias	Favoráveis
PT	532	9	79	38	2306 publicações	
DILMA	624	20	170	59	75,76%	2,25%
LULA	591	23	115	46		
Favoráveis	PUBLICAÇÕES				TOTAL	
	Contrárias	Favoráveis	Neutras	Ambivalentes	Contrárias	Favoráveis
PMDB	84	9	98	14	476 publicações	
PSDB	62	6	55	10	43,70%	5,04%
MICHEL TEMER	33	8	53	5		
AÉCIO	29	1	7	2		

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, COM BASE EM DADOS DO SITE MANCHETÔMETRO

Vale ressaltar que todo o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff concorreu, simultaneamente, com um período de recessão econômica e a operação Lava Jato. Fatos de forte impacto negativo ao Governo Federal.

Sobre a cobertura midiática do *impeachment* de Dilma são apresentadas duas visões divergentes. O jornalista Mino Carta disparou em janeiro de 2016:

“Falta o respeito à verdade factual e tudo é servido sob forma de acusação em falas e texto elaborados com transparente má-fé. Na sua forma e conteúdo, a mídia nativa age como um partido político”. Já na visão do jornalista Eugênio Bucci, “a cobertura da crise política apresentou sim um desequilíbrio, mas que não pode ser entendido como uma tomada de posição em bloco para tirar Dilma e o PT do poder”. (TARANTINO, 2016).

Outra ponderação importante é alta polarização que já se apresentava desde a eleição presidencial de 2014, fazendo-se rememorar o período antecedente ao golpe 1964. Um ambiente de muita intolerância entre conservadores e progressistas.

Segunda etapa: análise e votação na câmara

Em edição do dia 12/04/2016, após a comissão da Câmara avaliar o pedido de *impeachment* e às vésperas da votação em plenário, a Folha de S. Paulo, em editorial de título “O legado de Dilma”, faz duras críticas à política econômica e gestão de estatais adotadas pelo governo, sintetizado no seguinte parágrafo:

“A dimensão espetacular da destruição na petroleira desvia a atenção de casos de ruína similar em vários setores que conheceram a mão desse governo, marcada por intervenção política rudimentar, incompetência e apego a ideias econômicas ultrapassadas”. (O LEGADO DE DILMA, 2016)

Neste momento, salienta-se que a presidenta foi reeleita pelo voto direto popular e completavam-se 16 meses do novo mandato presidencial.

Na edição do 17/04/2016, dia da votação do plenário da Câmara, a Folha de S. Paulo, em seu editorial de título: “Decisão da Câmara”, novamente teceu fortes críticas ao governo Dilma e pouco focou sobre a matéria de votação – se houve prática ou não de

Crime de Responsabilidade. Na sequência, a síntese do discurso.

Está exaurido (o governo Dilma) pela própria incompetência política, pelo incomparável desastre econômico que criou, pelo desvelamento de todo o sistema de corrupção que o PT instaurou no centro do poder. O país definha, e a presidente e seu partido são responsáveis por isso. [...] Sem dúvida uma vitória do impeachment neste domingo significará, para a expressiva maioria dos brasileiros, a justa punição de um governo que, na incompetência, na arrogância e no delírio de seu próprio isolamento, destruiu a economia, afundou-se na corrupção e esgarçou as instituições. (DECISÃO DA CÂMARA, 2016)

A edição dedicou todo o seu primeiro caderno, Poder, ao histórico dia da votação do *impeachment*.

No dia seguinte à votação na Câmara, com a decisão da Casa pela admissibilidade do *impeachment*, a Folha de S. Paulo defendeu, em seu editorial de título: “O país tem pressa”, a urgência de um processo no Senado sem perda de tempo. O periódico também reiterou seu posicionamento sobre a crise política:

Não foi convicção desta Folha que o impeachment de Dilma Rousseff representasse a solução mais confiável e consensual para impasse em que o país se encontra. [...] Este se resolveria pela renúncia simultânea de Dilma e seu vice, com a imediata convocação de novas eleições presidenciais. (O PAÍS TEM PRESSA, 2016)

Tabela 2 – Soma dos números das publicações do Estadão, Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal Nacional referente ao mês de abril de 2016.

Contrários	PUBLICAÇÕES				TOTAL	
	Contrárias	Favoráveis	Neutras	Ambivalentes	Contrárias	Favoráveis
PT	172	3	54	2	892 publicações 66,70% 2,02%	
DILMA	322	11	159	12		
LULA	101	4	48	4		
Favoráveis	PUBLICAÇÕES				TOTAL	
	Contrárias	Favoráveis	Neutras	Ambivalentes	Contrárias	Favoráveis
PMDB	67	8	71	3	476 publicações 36,13% 13,45%	
PSDB	21	7	51	1		
MICHEL TEMER	79	43	96	14		
AÉCIO	5	6	23	2		

Em artigo publicado no portal de notícias GGN com o título: “Imprensa europeia chama votação de impeachment de insurreição de hipócritas”, Luiz de Queiroz reproduz a visão de noticiários do velho continente sobre a votação.

O site da revista Der Spiegel afirma que o Congresso brasileiro mostrou sua "verdadeira cara" e, com o uso de meios "constitucionalmente questionáveis", colocou o "avariado navio Brasil" numa "robusta rota de direita". O site do semanário alemão Die Zeit afirma que a votação na Câmara "mais parecia um carnaval". Segundo o jornal britânico The Guardian, um Congresso "hostil e manchado pela corrupção" votou pelo impedimento da presidente. O El País diz que a votação na Câmara foi marcada por tumulto e "cânticos um tanto ridículos às vezes". O francês Le Monde destaca a "descida ao inferno de Dilma Rousseff", dizendo que até as últimas horas "ela acreditou" no voto dos 54 milhões de brasileiros que a elegeram em 2014. (QUEIROZ, 2016)

Terceira etapa: aprovação da comissão especial do senado em favor da admissibilidade do *impeachment*

Na edição do 7/5/2016, a Folha de S. Paulo noticia em sua capa, em pequena chamada, a aprovação do relatório favorável ao processo de *impeachment* pela Comissão Especial do Senado. A edição limitou-se a descrever sobre a votação.

No editorial da edição do dia 12/5/2016, o periódico novamente tece ferozes críticas ao governo Dilma, estendendo-se, agora, também, ao Lula e ao PT. Com o título: “O fim e o princípio”, o texto aponta para um curto prazo de tempo que Temer teria para reverter a crise causada pelos inúmeros erros do governo Dilma. Segue:

A passagem de Dilma pelo Palácio do Planalto caracterizou-se por um complexo insustentável de erros. Aliou-se ao fisiologismo, mas sem obter com isso base parlamentar. Apostou no populismo, embora sem se comunicar com o eleitorado. Adotou ares de competência, incorrendo em falhas técnicas desconhecidas, e seguiu estratégias erráticas com férrea teimosia. (O FIM E O PRINCÍPIO, 2016)

Tabela 3 – Soma dos números das publicações do Estadão, Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal Nacional referente ao mês de maio de 2016.

Contrários	PUBLICAÇÕES				TOTAL	
	Contrárias	Favoráveis	Neutras	Ambivalentes	Contrárias	Favoráveis
PT	160	1	56	5	760 publicações 68,42%	1,18%
DILMA	260	6	121	13		
LULA	100	3	33	3		
Favoráveis	PUBLICAÇÕES				TOTAL	
	Contrárias	Favoráveis	Neutras	Ambivalentes	Contrárias	Favoráveis
PMDB	86	5	72	10	695 publicações 34,24%	19,29%
PSDB	29	12	53	2		
MICHEL TEMER	102	111	145	29		
AÉCIO	21	6	11	1		

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, COM BASE EM DADOS DO SITE MANCHETÔMETRO

Quarta etapa: no senado, parecer do relatório e julgamento em plenário

No dia da aprovação do relatório do *impeachment* pela Comissão Especial do Senado, em editorial de título: “Falta pouco”, da edição de 4/8/2016, a Folha de S. Paulo anuncia o provável *impeachment*. O texto defende previsões econômicas não tão catastróficas sob a batuta do novo governo e reafirma que seu posicionamento sempre foi de uma renúncia dupla de Dilma e Temer. Diz o editorial em trecho sobre as perspectivas econômicas: “Ainda que persistam as fragilidades de origem do atual governo, previsões catastróficas parecem estar descartadas”. (FALTA POUCO, 2016)

Na mesma edição, na página A5, em pequena matéria de título: “Cardoso acusa relator de ‘paixão partidária’”, é reproduzido queixas do ex-ministro da Justiça do governo Dilma, José Eduardo Cardoso, sobre a elaboração do relatório final do senador Antonio Anastasia (PSDB-MG). “O tucano teria feito, diz, ‘malabarismos retóricos’ para comprovar o crime de responsabilidade”. (HAUBERT, 2016)

No dia após a aprovação do relatório pela Comissão Especial, em edição de 5/8/2016, a Folha de S. Paulo publicou matéria, na página A5, de título: “Comissão aprova parecer favorável ao impeachment”, onde relata os movimentos de Temer nos bastidores do senado em busca de apoio para o *impeachment* e celeridade do processo. O mesmo texto reproduz posições antagônicas entre os senadores Ricardo Ferraço (PSDB-ES) e Lindberg Farias (PT-RJ). O tucano diz:

“Os senadores terão que escolher entre dois cenários: A perspectiva e a possibilidade de virarmos essa página ou a volta ao passado, a manutenção daquilo que há de mais primitivo, sobretudo no patrimonialismo e na apropriação do Estado”. Já Lindberg Farias (PT-RJ) voltou a falar em golpe. “Não é necessário ter tanques nas ruas. Esse é um golpe frio. Os senadores que votaram pelo impeachment ficarão na História como golpistas”. (HAUBERT, CRUZ, MASCARENHAS, 2016)

No dia 1/9/2016, com o julgamento sacramentado, a Folha de S. Paulo dedicou praticamente toda a sua capa ao fato histórico. O título em seis colunas dizia: “Senado destituiu Dilma: Temer pede pacificação”. Abaixo, em chamada complementar de título:

“Black Blocs voltam a deprender carros e prédios em atos no centro de SP”, o jornal relata o confronto entre contrários ao *impeachment* e a Polícia Militar.

Em editorial de título: “Governo novo”, a Folha de S. Paulo novamente tece duras críticas ao governo Dilma, aprova a constitucionalidade do processo e, pela primeira vez, enfatiza a refutabilidade da acusação. Abaixo, a síntese do texto.

O processo decorreu em estrita obediência à Constituição, assegurado o amplo direito de defesa e sob supervisão de suprema corte insuspeita. As acusações de fraude orçamentária, porém, embora pertinentes enquanto motivo para o *impeachment*, nunca se mostraram irrefutáveis. [...] A prioridade máxima da administração agora confirmada é a recuperação de uma economia em frangalhos. (GOVERNO NOVO, 2016)

Nesta edição derradeira sobre o *impeachment*, observa-se, na capa, uma alusão à parcimônia de Temer em contraste com a rebeldia de manifestantes favoráveis à Dilma. No editorial, manteve-se razoável coerência. Críticas ao governo Dilma e aceitação do pro-

cesso. As 19 páginas do primeiro caderno, Poder, foi dedicada ao julgamento que retirou Dilma Rousseff da presidência da República.

Na mesma edição, foram publicadas duas visões divergentes sobre o processo. O colunista Jânio de Freitas questionou o critério de julgamento dos senadores que condenaram Dilma Rousseff. Segundo Freitas, a maioria deles já tinha antecipado seu posicionamento sobre o caso, bem como tomou a decisão considerando o ‘conjunto da obra’ e não o suposto delito. Também falou em golpe parlamentar. “Os que negam o golpe o fazem como todos os seus antecessores em todos os tempos: nenhum golpista admitiu ser participante ou apoiador de um golpe”. (FREITAS, 2016)

O engenheiro Rogério Chequer, um dos fundadores do movimento Vem Pra Rua, afirmou que o processo foi apenas um passo dado e que o país precisaria avançar muito mais. Diz ele: “Políticos perceberam que a sociedade agora sabe cobrar e monitorar seus representantes, para checar se estão atuando em benefício próprio ou em prol da sociedade que os elegeu”. (CHEQUER, 2016)

Tabela 4 – Soma dos números das publicações do Estadão, Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal Nacional referente aos meses de junho, julho e agosto de 2016

Contrários	PUBLICAÇÕES				TOTAL	
	Contrárias	Favoráveis	Neutras	Ambivalentes	Contrárias	Favoráveis
PT	350	5	130	11	1495 publicações 67,83%	2,47%
DILMA	412	23	187	40		
LULA	252	9	67	9		
Favoráveis	PUBLICAÇÕES				TOTAL	
	Contrárias	Favoráveis	Neutras	Ambivalentes	Contrárias	Favoráveis
PMDB	164	6	144	9	1123 publicações 36,87%	10,24%
PSDB	52	12	102	5		
MICHEL TEMER	174	92	285	36		
AÉCIO	24	5	9	4		

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, COM BASE EM DADOS DO SITE MANCHETÔMETRO

Análise das publicações referentes a Dilma, Lula e PT a partir do teste do qui-quadrado de Pearson

A fim de aprofundar a análise dos dados coletados do site Manchetômetro será aplicado, na sequência, o Teste do qui-quadrado de Pearson (x^2) para verificar se há associação entre as publicações referentes ao grupo político contrário ao *impeachment* (Dilma, Lula e PT) e o período do processo. Neste caso de análise, criam-se duas variáveis, publicações e o período do processo. As distribuições na variável período do processo serão divididas em quatro períodos, Período 1, Período 2, Período 3 e Período 4, em conformidade com as quatro etapas do *impeachment*. As distribuições na variável publicações referentes ao grupo político contrário ao *impeachment* serão divididas em três valências: contrárias, neutras e favoráveis, também em conformidade com as categorias do site Manchetômetro. Na análise, foram excluídas as publicações de valência ambivalente por conter em seus conteúdos discursos dúbios, não interessando na análise aqui empreendida.

O Teste do qui-quadrado (x^2) é uma técnica utilizada para identificar se existe ou não associação entre duas distribuições. Trata-se de um teste de hipótese, por meio do qual, a partir de equações matemáticas, calcula-se o valor do qui-quadrado (x^2). Se o valor encontrado do x^2 for superior ao do Limite

crítico³, que também é um valor tabelado, pode-se afirmar, com pequena chance de errar, que existe uma associação entre elas. Isso quer dizer que ocorreu algo no “mundo” que determinou essa associação. Caso contrário, se o valor do x^2 estiver abaixo do Limite crítico, afasta-se a hipótese de associação entre as distribuições. Neste caso, não existe relação entre as variáveis, ou, se ela existe, é por decorrência do acaso.

O Teste do qui-quadrado (x^2) apenas aponta se há relação de interdependência entre as distribuições analisadas, não sendo possível qualquer outra afirmação além desta⁴. Caso o teste, aqui realizado, aponte para uma relação de associação, serão verificados, na sequência, os Resíduos padronizados (Rp) dessa associação para uma melhor compreensão da ocorrência, o que será explicado na seção 3.1.

O recorte escolhido para a aplicação do Teste do qui-quadrado (x^2) foi em virtude do número excessivo de publicações referentes ao grupo político contrário ao *impeachment* (Dilma, Lula e PT) ao longo do processo, e pelo grupo ser o personagem central da crise política. Inicialmente, apresentam-se as equações matemáticas que serão utilizadas no cálculo do x^2 . À frente, serão explicados todos os itens da equação.

³ O Limite crítico para o Teste do qui-quadrado é um valor tabelado e obtido com base no Intervalo de confiança empregado no teste (, 0,95) e na quantidade de combinações possíveis em uma Tabela de contingência (Grau de liberdade),

⁴ Esse teste não é adequado, portanto, para mensurar nem a força, nem a direção da relação entre as duas variáveis.

Quadro 2 – Equações para o cálculo do qui-quadrado (χ^2) e das Frequências esperadas(F_e)

<p>FÓRMULA DO QUI-QUADRADO</p> $\chi^2 = \sum \frac{(F_o - F_e)^2}{F_e}$ <p>Onde: F_o = Frequência observada F_e = Frequência esperada</p>	<p>FÓRMULA DA FREQUÊNCIA ESPERADA</p> $F_e = \frac{MC \times ML}{N}$ <p>Onde: F_e = Frequência esperada MC = Marginal da coluna ML = Marginal da linha N = número de casos</p>
---	---

Por conseguinte, elabora-se a Tabela de contingência para o cruzamento das duas variáveis a partir dos dados coletados. Pela Tabela de contingência extraem-se valores como: Grau de liberdade, Frequências esperadas

(F_e), Marginal da coluna (MC) e Marginal da linha (ML) que serão utilizados na aplicação das fórmulas matemáticas acima. Já as Frequências observadas (F_o) são os dados reais, no caso, os números de publicações que comporão a Tabela de Contingência.

Tabela 5 – Tabela de contingência – Frequências observadas (F_o)

Períodos do processo	Publicações			Marginal da linha (ML)
	Contrárias	Neutras	Favoráveis	
Período 1	1747	364	52	2163
Período 2	595	261	18	874
Período 3	520	210	10	740
Período 4	1014	384	37	1435
Marginal da coluna (MC)	3876	1219	117	5212

Grau de liberdade = (total de linhas -1) x (total de colunas -1) = 3 X 2 = 6

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, COM BASE EM DADOS DO SITE MANCHETÔMETRO

Com o cruzamento dos dados da Tabela de contingência é possível obter os valores das Frequências esperadas (F_e). A F_e nada mais é do que uma média esperada das publicações em cada associação observada na Tabela de Contingência. Para exemplificar, vejamos na Tabela de contingência a Frequência observada, na seguinte associação: (Período 1 | Contrárias = 1747). Encontra-se o valor da F_e dessa associação, a partir da multiplicação da Marginal da coluna (=3876) pela Marginal

da linha (=2163) correspondente, e divide o resultado pelo número total de publicações, no caso, 5212 publicações. A Marginal da coluna é soma dos valores de cada coluna, e a Marginal da linha é a soma dos valores de cada linha. No exemplo acima, (Período 1 | Contrárias), temos $3876 \times 2163 / 5212 = 1608,555$ como será exposto na primeira célula da tabela a seguir. O mesmo procedi-

mento é realizado com todos os pares associados, compondo-se, assim, todos os valores das Frequências esperadas (Fe).

Tabela 6 – Tabela da Frequências Esperadas (Fe)

Períodos do Processo	Publicações		
	Contrárias	Neutras	Favoráveis
Período 1	1608,555	505,890	48,555
Período 2	649,966	204,414	19,620
Período 3	550,315	173,074	16,612
Período 4	1067,164	335,623	32,213

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, COM BASE EM DADOS DO SITE MANCHETÔMETRO

Com todos os valores obtidos, já é possível calcular o qui-quadrado. A tabela a

seguir representa a aplicação prática da equação de Pearson (Quadro 2, p. 12).

Tabela 7 – Tabela de cálculo do qui-quadrado

	Publicações	Fo	Fe	Fo-Fe	(Fo-Fe) ^ 2	/Fe
Período 1	Contrárias	1747,000	1608,555	138,445	19167,053	11,916
Período 1	Neutras	364,000	505,890	-141,890	20132,681	39,797
Período 1	Favoráveis	52,000	48,555	3,445	11,865	0,244
Período 2	Contrárias	595,000	649,966	-54,966	3021,287	4,648
Período 2	Neutras	261,000	204,414	56,586	3201,970	15,664
Período 2	Favoráveis	18,000	19,620	-1,620	2,624	0,134
Período 3	Contrárias	520,000	550,315	-30,315	918,979	1,670
Período 3	Neutras	210,000	173,074	36,926	1363,553	7,878
Período 3	Favoráveis	10,000	16,612	-6,612	43,714	2,632
Período 4	Contrárias	1014,000	1067,164	-53,164	2826,436	2,649
Período 4	Neutras	384,000	335,623	48,377	2340,373	6,973
Período 4	Favoráveis	37,000	32,213	4,787	22,914	0,711
					$\chi^2 =$	94,916

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, COM BASE EM DADOS DO SITE MANCHETÔMETRO

Obtido o valor do qui-quadrado, 94,916, faz-se necessário, agora, verificar o valor do Limite crítico para o caso analisado. O Limite crítico é fornecido em uma tabela de valores em cruzamento do Grau de liberdade com o Nível de confiança. Por convenção, os cientistas usam 0,95 como valor do Nível de confiança. O que significa dizer que o cálculo realizado no Teste do qui-quadrado (χ^2) tem 95% de probabilidade de ser verdadeiro, sendo 5% a probabilidade de erro. O popular *software* Microsoft Excel também fornece o Limite crítico para o Teste de qui-quadrado (χ^2).

O Limite crítico encontrado para este teste foi de 12,591. Como o valor do χ^2 , 94,916, é superior ao Limite crítico, podemos afirmar, com 95% de probabilidade, que existiu algo no “mundo” que interviu nas publicações referentes ao grupo político contrário ao *impeachment* dentro do período analisado. Ou seja, existe associação entre as variáveis ‘período’ e ‘publicações’.

No entanto, essa é a única afirmação possível nesse momento. Para verificar em que pares das distribuições analisadas ocorreram as associações é necessário identificar os valores dos Resíduos padronizados (Rp). Em posse desses valores fica mais claro a observação da associação identificada no Teste do qui-quadrado (χ^2), bem como a possibilidade de inferência para uma melhor análise acerca das publicações ocorridas no período do processo de *impeachment*.

Cálculo e análise dos resíduos padronizados (Rp)

Antes de mencionar os Resíduos padronizados (Rp) e sua importância é necessário entender sobre os Resíduos brutos (Rb), que nada mais são do que os resultados da diferença entre as Frequências observadas (Fo) e as Frequência esperadas (Fe). Os Resíduos brutos (Rb) mostram os valores de dispersão ocorridos em cada pares de associação em função dos valores esperados desses pares, ou seja, são as distâncias entre o Fo e Fe.

Pelos valores do Rb já é possível, intuitivamente, identificar em que pares houve dispersão. No entanto, essa primeira análise é realizada em cada par de associação isoladamente, não permitindo comparações entre todos os valores dos Rb, sendo, assim, necessário a padronização dos resíduos.

O problema dos resíduos brutos é serem pouco informativos, pois não apresentam variâncias constantes. Em outras palavras, são não-padronizados e não permitem a verificação de pontos extremos (*outliers*) por não poderem ser comparados diretamente. Para resolver esse problema, costuma-se padronizar os resíduos. (CERVI, 2014. p. 69)

Conforme citação, a solução é padronizar os resíduos. Utilizam-se as seguintes fórmulas para a obtenção dos valores dos Resíduos padronizados (Rp)

Quadro 3 – Equações para os cálculos dos Resíduos brutos (Rb) e do Resíduos padronizados (Rp)

<p>FÓRMULA DO RESÍDUO BRUTO</p> $R_b = F_o - F_e$ <p>Onde: Rb = Resíduo bruto Fo = Frequência observada Fe = Frequência esperada</p>	<p>FÓRMULA DO RESÍDUO PADRONIZADO</p> $R_p = R_b / \sqrt{F_e}$ <p>Onde: Rp = Resíduo padronizado Rb = Resíduo bruto Fe = Frequência esperada</p>
---	---

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, COM BASE EM LEVIN, FOX E FORDE (2012)

Igualmente ao Teste do qui-quadrado (χ^2), os valores dos Resíduos padronizados (Rp) devem estar fora do Limite crítico para serem considerados estatisticamente significativos. Por convenção, utiliza-se o Limite crítico entre +1,96 e -1,96 e um Intervalo de

confiança de 95%. Os valores encontrados acima ou abaixo do Limite crítico são os responsáveis pela associação entre as distribuições. Realizado os cálculos, obteve-se os seguintes valores, compostos na tabela abaixo:

Tabela 8 – Tabela de valores dos Resíduos padronizados

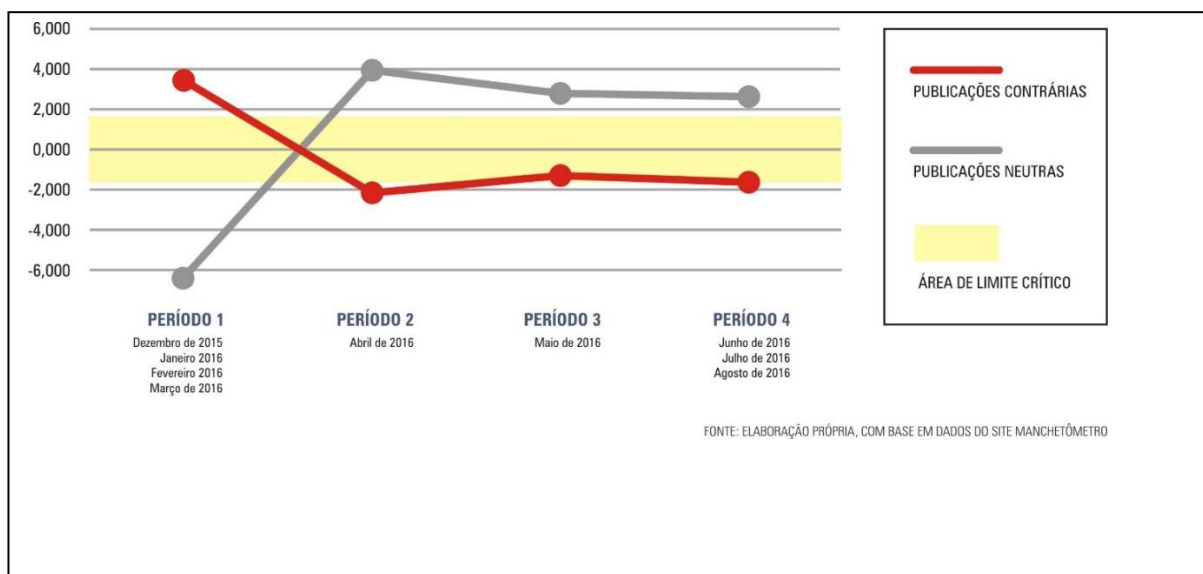
Períodos do Processo	Publicações		
	Contrárias	Neutras	Favoráveis
Período 1	3,452	-6,308	0,494
Período 2	-2,156	3,958	-0,366
Período 3	-1,292	2,807	-1,622
Período 4	-1,627	2,641	1,279

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA, COM BASE EM DADOS DO SITE MANCHETÔMETRO

Observando a tabela, verifica-se que as publicações Favoráveis a Dilma, Lula e PT mantiveram-se dentro do Limite crítico ao longo do período analisado. As publicações Contrárias ao grupo político nos Períodos 1 e 2 tiveram uma frequência acima do esperado. Já as publicações Neutras estiveram bem abaixo no Período 1 e a partir do Período 2 estiveram acima do esperado.

O ponto de inflexão ocorre na passagem do Período 1 para o Período 2, mais precisamente, entre março e abril de 2016. Período que antecedeu o histórico julgamento de Dilma Rousseff no plenário da Câmara Federal, ocorrido em 17 de abril de 2016. O gráfico abaixo ilustra a mudança das frequências das publicações.

Gráfico 1 – Resíduos padronizados do teste do qui-quadrado



Uma análise possível, a partir dos cálculos, é que os noticiários da grande mídia nacional, aqui representados pelo Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal Nacional, tiveram ao longo do Período 1 um posicionamento político acentuado, evidenciado pelo número de publicações contrárias ao grupo político (Dilma, Lula e PT) acima do esperado e por um razoável abandono da neutralidade. A quantidade de publicações Neutras aproximou-se da normalidade nos períodos subsequentes.

Esse comportamento pode ser explicado com a conjugação de outros dados obtidos a partir da pesquisa de opinião da Datafolha realizada no período. Segundo o instituto, em pesquisa realizada nos dias 17 e 18 de março de 2016 – com 2794 eleitores ouvidos, em 171 municípios de todo o país – 68% dos entrevistados eram favoráveis ao *impeachment* de Dilma; 27% eram contra; 3% estavam indiferentes; e 2% não souberam responder. (68% APOIAM IMPEACHMENT DE

DILMA, DIZ PESQUISA DATAFOLHA, 2016)

A mesma pesquisa apontou para uma grande rejeição ao governo Dilma Rousseff; segundo os números, 69% dos entrevistados classificavam o governo Dilma como ruim ou péssimo e 21% como regular. (68% APOIAM IMPEACHMENT DE DILMA, DIZ PESQUISA DATAFOLHA, 2016)

Diante do cenário que se apresentava, ficava claro, ao menos à elite política e intelectual, o provável impedimento de Dilma Rousseff, situação já claramente desejada pela Folha de S. Paulo conforme análise qualitativa realizada neste artigo. Essa é uma hipótese bastante justificável na investigação acerca do comportamento desse noticiário durante o período do processo de *impeachment* a partir do Teste do qui-quadrado (χ^2) e dos Resíduos padronizados.

Considerações finais

A partir das pesquisas, conclui-se que a Folha de S. Paulo se posicionou, contudentemente, em favor do *impeachment*, e pouco promoveu um debate acerca dos motivos que desencadeou o processo que retirou Dilma Rousseff da presidência. O jornal paulista foi enfático em seus editoriais, sempre críticos à presidenta, e os enquadramentos utilizados conduziram o leitor a uma observação natural e acrítica do processo. Suas publicações empobreceu a análise acerca do *impeachment* e favoreceu claramente um dos lados do embate político.

Pode-se afirmar, também, que a Folha de S. Paulo induziu o leitor a compreender o pedido de afastamento da presidenta em modalidade de *Recall* (instituto não previsto na Constituição Brasileira) em detrimento de uma melhor discussão sobre o tema. Em sua opinião, a Folha pouco considerou o *impeachment* como uma sanção que se aplica – ao Presidente da República – pela prática de crime de responsabilidade; outrossim, sendo imprudente e antidemocrático o seu uso com vistas à ocupação do poder. O caminho ético e legítimo para se governar deve se dar por meio de disputa eleitoral, ritual onde o eleitorado escolhe e avalia, por meio do voto, a plataforma de governo mais apropriada para o país, dentre as apresentadas pelos postulantes ao cargo maior da República.

Foi possível também constatar uma posição ambígua do jornal. Ao mesmo tempo em que a Folha defendeu a renúncia simultânea de Dilma Rousseff e Michel Temer, rechaçou a sugestão de eleições gerais proposta por Dilma e seu grupo político após a votação do *impeachment* no plenário da Câmara. O jornal classificou a sugestão como artimanha

governista diante da iminente perda de mandato da presidenta.

A posição paradoxal do jornal enseja a inferência de que a defesa de novas eleições se tratou apenas de uma estratégia para não assumir claramente a defesa do *impeachment*. O arsenal de críticas ácidas desferidas contra o governo Dilma (recentemente reeleito à época), sem nunca apontar nada de positivo, conduziu o leitor ao sentimento de perplexidade diante de tantos erros, sem nenhum acerto, predispondo-o a se posicionar a favor do *impeachment* de um governo desastroso para o país. Posição convicta, porém, velada do jornal.

O Manchetômetro também identificou que os grandes noticiários nacionais, durante o processo, foram severamente críticos aos partidos e personagens contrários ao *impeachment*. O Teste do qui-quadrado (χ^2) e o cálculo dos Resíduos Padronizados (Rp) identificaram associação das publicações de noticiários da grande mídia brasileira em relação a Dilma, Lula e PT durante o período do processo. Pela análise ficou perceptível uma posição política acentuada desses noticiários, representados pelo Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal Nacional.

Entretanto, não se faz possível mensurar o impacto da atuação da grande imprensa brasileira na formação da opinião pública neste período, naqueles que se mobilizaram em favor da destituição de Dilma, e que, consequentemente, com a própria imprensa brasileira, pressionaram as autoridades do Congresso Nacional em suas decisões no processo. Sua atuação na recente crise política, aqui analisada, também oportunizou reflexões sobre a sua função política e social às luzes da emergente necessidade de desenvolvimento

da democracia brasileira. O tema é atual e deve ser objeto de pesquisa em outros trabalhos para o seu maior aprofundamento e outras abrangências.

Referências

68% APOIAM IMPEACHMENT DE DILMA, DIZ PESQUISA DATAFOLHA. G1, São Paulo, 20/03/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/68-apoiam-impeachment-de-dilma-diz-pesquisa-datafolha.html>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

ACQUAVIVA, Marcus Cláudio. **Teoria Geral do Estado**. 3ª Edição. Barueri: Manole, 2010.

BACHRACH, Peter; BARATZ, Morton S.. Duas faces do poder. **Revista Sociologia Política**. Curitiba, v. 19, n. 40, p. 149-157, outubro de 2011.

CERVI, Emerson Urizzi. **Análise de dados categóricos em Ciência Política**. 1ª Edição. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2014.

CERVI, Emerson Urizzi. **Opinião Pública e comportamento político**. 1ª Edição. Curitiba: Intersaberes, 2012.

CHEQUER, Rogério. O Brasil deu um passo, mas há muita coisa a mudar. **Folha de São Paulo**, 1/9/2016. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/09/01/2/#>. Acesso em: 27, set. 2017.

DECISÃO DA CÂMARA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17/04/2016, Opinião, 1º Caderno, p. A2. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/04/17/2/>>. Acesso em: 16 set. 2017.

FALTA POUCO. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4/8/2016, Opinião, 1º Caderno, p.

A2. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/08/04/2/#>. Acesso em: 25, set. 2017.

FERES JÚNIOR, João. Em defesa das valências: uma réplica. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília, n. 19. p. 277-298, janeiro/abril de 2016

FREITAS, Jânio. O golpe no hospício. **Folha de São Paulo**, 1/9/2016. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/09/01/2/>. Acesso em: 27, set. 2017.

GOVERNO NOVO. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1/9/2016, Opinião, 1º Caderno, p. A2. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/09/01/2/#>. Acesso em: 26, set. 2017.

HAUBERT, Mariana. Cardoso acusa relator de 'paizão partidária'. **Folha de São Paulo**, 4/8/2016. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/08/04/2/#>. Acesso em: 25, set. 2017.

HAUBERT, Mariana; CRUZ, Valdo; MASCARENHAS, Gabriel. Comissão aprova parecer favorável ao impeachment. **Folha de São Paulo**, 5/8/2016. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/08/05/2/#>. Acesso em: 25, set. 2017.

MANIN, Bernard. A democracia do público reconsiderada. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, p. 115-127, novembro de 2013.

MEDEIROS, Pedro. **Uma introdução à teoria da democracia**. 1ª Edição. Curitiba: Intersaberes, 2016.

MOLINA, Matias Martinez. Os maiores jornais do mundo. **Sesc São Paulo**, São Paulo, 26/06/2007. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/4248_OS+MAIORES+JORNALIS+DO+MUNDO>. Acesso em: 07 nov. 2018.

O FIM E O PRINCÍPIO. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12/5/2016, Opinião, 1º Caderno, p. A2. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/05/12/2/>>. Acesso em: 19 set. 2017.

O LEGADO DE DILMA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12/4/2016, Opinião, 1º Caderno, p. A2. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/04/12/2/#>>. Acesso em: 19 set. 2017.

O PAÍS TEM PRESSA. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18/4/2016, Opinião, 1º Caderno, p. A2. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2016/04/18/2/>>. Acesso em: 19 set. 2017.

O VÍCIO CONTRA O VÍCIO. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 03/12/2015, Opinião, 1º Caderno, p. A2. Disponível em: <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2015/12/03/2/>>. Acesso em: 19 set. 2017.

ONG DENUNCIA MONOPÓLIO DA MÍDIA NO BRASIL, O 'PAÍS DOS 30 BERLUSCONI'. **G1**, Paris, 24/01/2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/01/ong-denuncia-monopolio-da-midia-no-brasil-o-pais-dos-30-berlusconi.html>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

PERISSINOTTO, Renato. **As elites políticas questões de teoria e método**. 1ª Edição. Curitiba: Intersaberes, 2012.

PREMEBIDA, Adriano et al. **Pesquisa Social**. 1ª Edição. Curitiba: Intersaberes, 2013.

QUEIROZ, Luiz. Imprensa europeia chama votação de impeachment de insurreição de hipócritas. **GGN o jornal de todos os brasis**, 18/04/2016. Disponível em: <http://jornalgggn.com.br/noticia/imprensa-europeia-chama-votacao-de-impeachment-de-insurreicao-de-hipocritas>. Acesso em: 19, set. 2017.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. 1ª Edição. Salvador: Edubfa, 2004.

TARANTINO, Mônica et all. O Papel da Mídia na Crise. **Revista Brasileiros**, Londres, 26/05/2016. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2016/05/o-papel-da-midia-na-crise-2/>. Acesso em: 02 ago. 2017.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. 1ª Edição. Salvador: Edubfa, 2004.

TARANTINO, Mônica et all. O Papel da Mídia na Crise. **Revista Brasileiros**, Londres, 26/05/2016. Disponível em: <http://brasileiros.com.br/2016/05/o-papel-da-midia-na-crise-2/>. Acesso em: 02 ago. 2017.